

DIÁLOGO ABERTO

As figuras de linguagem e os nomes das coisas



pathdoc/Shutterstock.com

FIQUE SABENDO →

Aos pés da letra com Gregório Duvivier (Rádio Companhia)

Gregório Duvivier é fascinado pela língua portuguesa e tem se dedicado a observá-la de perto. No livro **Aos pés da letra**, lançado recentemente pela Companhia das Letras, o ator e escritor vai muito além do que está ao pé da letra. Em verbetes, ele revisita palavras do cotidiano de modos surpreendentes, com humor e leveza.

Neste episódio da Rádio Companhia, Gregório Duvivier demonstra o olhar

cuidadoso que dedica à língua portuguesa e discute sua importância para a construção da identidade nacional.

Palavras, palavras, palavras

O *podcast* **451 MHz** apresenta uma conversa entre Caetano W. Galindo e Marcos Bagno: dois autores que compartilham a paixão pelo nosso idioma na escrita, na tradução e no estudo da língua.

As figuras de linguagem e os nomes das coisas

É bastante conhecida a crônica **A complicada arte de ver**, de Rubem Alves, na qual lemos o desabafo de uma mulher angustiada, que narra ao seu analista um acontecimento inusitado na sua rotina. “Acho que estou ficando louca”, diz ela logo na primeira linha.

O *hobby* da moça é a cozinha: ela adora preparar minuciosa e calmamente todos os ingredientes, regozija-se ao sentir os aromas novos ao colocá-los na panela – “é uma alegria!”, declara. Poucos dias antes, preparando uma refeição, algo que “já fizera centenas de vezes”, as cebolas estavam diferentes. Nos anéis do legume, a moça teve a impressão de “estar vendo a rosácea de um vitral de

catedral gótica”, e a cebola, “de objeto a ser comido, transformou-se em obra de arte para ser vista!”.

É uma situação um tanto estranha para a maioria dos seres humanos; afinal, uma cebola não é uma catedral gótica. Poderíamos, assim, considerar que a moça está provavelmente “ficando louca”, mas o analista responde de modo inusitado e provocativo: levanta-se, vai à estante de livros e retira o volume **Odes elementares**, do poeta chileno Pablo Neruda, e diz à paciente que “essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas”. Em seguida, exemplifica com um verso do poema “Ode à cebola”. O analista conclui em tom de diagnóstico: “Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver.”.



Yuganov Konstantin/Shutterstock.com

Esse modo de ver as coisas é natural da poesia, uma vez que essa forma de arte tem como elemento fundamental a criação de correspondências entre coisas absolutamente diferentes. É típico de um poeta conectar isto e aquilo. Dizendo de outro modo, a depender do poema, um peixe é também um pássaro, assim como a cebola é uma catedral gótica.

Nesse caso, estamos tratando da metáfora, figura de linguagem que, por meio da comparação, funde elementos essencialmente distintos, criando uma imagem inesperada que cruza os limites concretos das coisas comparadas. Na metáfora, uma coisa é a outra, isto é, aquilo, independentemente das diferenças entre elas. A metáfora cria uma nova realidade e, nessa realidade, toda cebola esconde uma catedral.

Essa nova realidade da metáfora só é possível porque ela não pertence ao mundo real, mas ao mundo das palavras. Esse mundo é marcado por uma dificuldade severa: as palavras são o ponto de encontro entre a subjetividade do ser humano e a realidade objetiva. É por meio de palavras que buscamos a forma dos nossos sentimentos e, por vezes, é preciso expandir o sentido delas para abarcar o tamanho das nossas sensações. É dessa necessidade que nascem as figuras de linguagem.

Para abordar corretamente a sua natureza, foi preciso iniciar com a metáfora. De certo modo, toda figura de linguagem pretende expandir os sentidos das palavras de um texto, e fazer comparações entre objetos diferentes é a etapa mais primitiva desse processo. Para expandir o sentido da palavra, é preciso procurar outros, isto é, criar correspondências, ênfases, sutilezas, subentendidos... A nova realidade gerada pela metáfora é o ponto de partida para o estabelecimento das demais figuras de linguagem.

Antítese e paradoxo

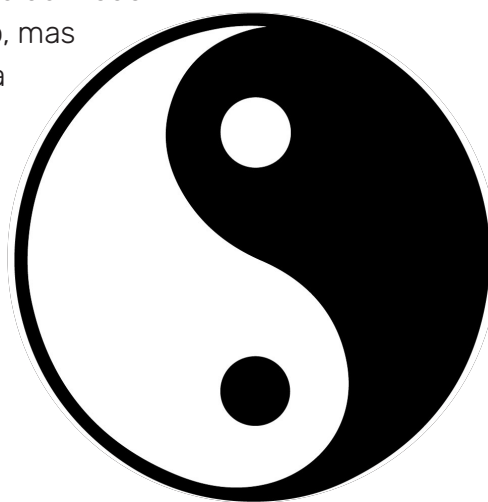
A poesia de Luís de Camões oferece um caso clássico de paradoxo: o poeta lusitano escreve “amor é fogo que arde sem se ver/ é ferida que dói e não se sente”. Nesse poema, Camões busca definir o sentimento amoroso. A definição captura as suas contradições: quem ama sente duas coisas opostas ao mesmo tempo. Note que, no primeiro verso, a natureza do “fogo”, que é arder, foi completamente negada, uma vez que a chama do “amor” é simbólica e sentimental, e não visual. O mesmo pode ser observado no segundo verso, já que a dor é essencialmente algo que “se sente”. A dor de amor, porém, apresenta-se de modo abstrato, sem doer em algum lugar específico.

Essa curta apreciação dos versos demonstra que o paradoxo consiste na justaposição de elementos essencialmente contrários, que negam a existência um do outro, causando um efeito de sentido especial — algo parecido com o processo metafórico. No exemplo, o amor pode reconfigurar-se no leitor após atravessar o poema.

A antítese é parente do paradoxo, mas apresenta-se de modo menos radical. Ela também consiste em uma oposição, mas de objetos complementares. Uma imagem evidente da completude apresentada pela antítese é o *Yin-Yang*:

Nessa figura, os opostos formam um todo, diferente dos versos camonianos, que extraem sua potência do efeito inusitado que causam no leitor.

Em resumo, o paradoxo combina elementos que se negam mutuamente, gerando uma imagem nova, enquanto a antítese aponta para uma completude e um equilíbrio entre os opostos, sem a negação mútua.



Yuganov Konstantin/Shutterstock.com

A categorização das figuras de linguagem

O estudo das figuras de linguagem demonstra que é difícil a tarefa de separá-las em categorias puras. O procedimento da metáfora determina boa parte dos processos comparativos operados pela linguagem, de maneira que até mesmo figuras de oposição podem ser compreendidas à luz da metáfora, embora não se restrinjam a ela.

Ironia

Um texto irônico é, antes de tudo, um texto em contradição. Não se deve confundir com a antítese nem com o paradoxo, já que a contradição aqui é de outra ordem. A ironia baseia-se em um sentido subentendido no texto, que, por sua vez, pode contradizer o sentido explícito.



André Dahmer

Nas tirinhas de André Dahmer, que podem ser conferidas em seu perfil no Instagram (@andredahmer), a personagem colorida representa o algoritmo das redes sociais. Frequentemente o acusamos de decidir as coisas por nós, de pré-selecionar os vídeos, as músicas e, por fim, determinar o nosso gosto. Dahmer dá uma forma a esse agente das redes. Como um espião, ele entra em nossos lares, suspira desejos e condiciona nossos comportamentos.

No caso dessa tirinha, o usuário das redes faz uma postagem e o espião sugere o uso do “emoji com uma lagriminha”. Vale notar que a sugestão vem na forma de uma ordem, ou seja, por meio de um verbo no imperativo: “selecione”. Concluída a postagem, o espião diz: “você se emocionou!”. Essa sequência de ações evidencia que o usuário das redes em nada se emocionou, e a postagem foi feita na mais corriqueira frieza. Desse modo, a ironia é o procedimento linguístico que organiza o humor dessa tirinha, posto que o sentido verdadeiro do texto não está na sua superfície, mas em algo subentendido.

Assim, a ironia exige bastante atenção do leitor ou do espectador. Na história da literatura, essa figura de linguagem se manifesta de modo bastante variado, dificultando o estabelecimento de uma norma ou de um padrão. Porém, no mundo contemporâneo, a modalidade de ironia que mais ocupa nossa vida social provém do século XIX, sobretudo do Realismo. Nesse momento decisivo da história literária, a ironia torna-se um dispositivo para desmascarar certos interesses individuais e sociais. A título de exemplo, lembremos do romance **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, no qual as movimentações subterrâneas da ironia causam a erosão do discurso oficial do narrador, fazendo-nos duvidar de suas verdadeiras intenções.

Hipérbole

Consideremos a próxima tirinha de Dahmer:



O conteúdo textual nos situa em um futuro distante, quase quatro séculos à frente. Nessa viagem no tempo ocorre algo absurdo: o dinheiro foi abolido. A tirinha consiste nas consequências dessa abolição. Sem o dinheiro, não se tiram mais fotos do almoço, tampouco se dança no TikTok há mais de trezentos anos. No plano da ilustração, vemos um cogumelo sendo lentamente colhido e depois mordido pela pessoa, indicando que os hábitos culturais sofreram mudanças fundamentais após o fim do dinheiro.

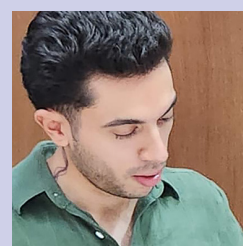
A estrutura retórica que organiza o efeito humorístico da tirinha é a da hipérbole. Em poucas palavras, essa figura se define pelo exagero de um ou mais elementos de um texto. Nesse caso, o exagero está tanto na distância temporal quanto na abolição de algo tão elementar para a economia do nosso mundo. Somando esses dois elementos, a tirinha assume um teor crítico, pois evidencia a falta de sentido em certos hábitos promovidos pela economia capitalista, como fotografar a comida e dançar sozinho para uma câmera.

As figuras de linguagem na comunicação cotidiana

A crônica, as canções, o poema de Camões e as tirinhas de Dahmer são manifestações rebuscadas das figuras de linguagem. É preciso dizer, a fim de concluir nosso raciocínio, que essas figuras não se restringem ao seu emprego na arte: elas são recursos expressivos importantes para nossa comunicação cotidiana. Isso se deve à complexidade linguística que dá forma a intenções subjetivas do falante, muitas vezes difíceis de expressar com clareza – daí a ironia. Em outras situações, recorre-se ao exagero para dimensionar o que se quer dizer – como na hipérbole – ou a comparações inusitadas para evidenciar algo íntimo ao ouvinte, como na metáfora e na analogia.

Enfim, as figuras de linguagem não são meros dispositivos que usamos conforme a necessidade, mas recursos imanentes à própria linguagem, que auxiliam na tarefa inglória de tentar encontrar sempre o nome certo para as coisas.

Sobre o(a) autor(a)



Acervo pessoal

Leonardo Thomaz é doutorando pela Universidade de São Paulo. Seu trabalho acadêmico é dedicado ao estudo da obra de velhice de Thomas Mann, com artigos publicados e cursos ministrados na USP. Também atua como professor do Ensino Médio e Pré-Vestibular. Sua carreira é pautada na conciliação entre a academia e a sala de aula, que são, no fundo, complementares.

Competências gerais da BNCC

1, 2, 3

Orientações

Para o processo de aprendizagem desse conteúdo, é importante demonstrar aos estudantes a presença latente das figuras de linguagem na comunicação cotidiana deles. A sedimentação desses recursos linguísticos ocorre primeiro na língua falada, e depois é transferida para a língua escrita. Dito de outro modo, é mais difícil um estudante compreender o que é ironia em um texto literário do que em uma piada da internet ou em uma conversa banal.

Seguindo esse raciocínio, o papel do professor consiste em transferir a compreensão da linguagem mais simples para a mais rebuscada, demonstrando que elas são vasos comunicantes. Isto é, conhecer os recursos empregados em uma conversação é etapa indispensável para ler melhor e ter mais capacidade crítica.

Outra recomendação é o uso de tirinhas. Essa forma de arte se caracteriza pelo uso econômico da língua escrita, articulado a uma linguagem visual muito presente no cotidiano dos estudantes. Assim, é possível conduzi-los à apreciação do humor da tirinha por meio do entendimento das figuras de linguagem.

Para repertório de bons cartunistas, que fazem uso inteligente desses procedimentos linguísticos, recomendam-se os perfis no Instagram da Laerte (@lartegenial), de André Dahmer (@andredahmer) e do Silva João (@silvazuao).

As músicas também são um bom caminho para se apresentar figuras de linguagem. Comparar canções que abordam o mesmo tema, mas recorrem a recursos distintos, é ótimo para delinear diferenças sutis entre figuras de linguagem.

O texto literário deve integrar o repertório dessas aulas, mas somente em uma etapa mais avançada, quando os estudantes já tiverem consolidado as definições mais elementares das figuras abordadas.

Reconhecer e analisar a ironia em um texto mais longo, escrito em linguagem distante da sala de aula, é um trabalho tanto desafiador quanto recompensador. É possível, por exemplo, planejar uma sequência didática que culmine na análise da ironia em um conto ou capítulo de Machado de Assis. Desse modo, o estudante passa a reconhecer que recursos utilizados por ele na vida cotidiana são a base para formulações mais complexas, como a machadiana. Assim, a literatura retorna à vida comum do estudante, incentivando-o a continuar nessa busca por correspondências.

Material complementar

ALVES, Rubem. **A complicada arte de ver**. Recanto das Letras, 2014. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/4787266>. Acesso em: 30 jun. 2026.

CANDIDO, Antonio. Natureza da metáfora. *In*: CANDIDO, Antonio. **Estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 135–155.

CARTOLA. **O mundo é um moinho**. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/ud9PIROstDw?si=dmkeGs3zGtnGvrAp>. Acesso em: 30 jun. 2026.

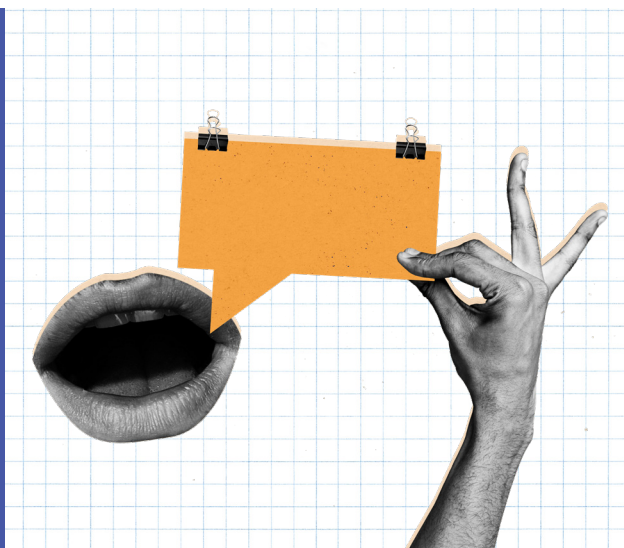
CASTILHO, Bebeto. **Salgueiro chorão**. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/4TE3E4-Yeqc?si=PMj7CkyyQi2Zog9u>. Acesso em: 30 jun. 2026.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**. Tradução de Paulo Quintela. Coimbra: Arménio Amado Editora, 1985.

REFLEXÃO NA PRÁTICA

Conteúdo desta edição

- Metáfora: fusão entre os objetos comparados.
- Analogia: uma ponte entre os objetos comparados.
- Antítese: estabelece uma diferença complementar entre os objetos.
- Paradoxo: uma oposição entre objetos que se anulam completamente.
- Ironia: discurso que afirma algo querendo dizer o seu contrário, operando um desmascaramento.
- Hipérbole: exagero de um ou mais elementos do discurso.



Roman Samborsky/Shutterstock.com/
natrot/Shutterstock.com

Organizando as ideias

- 1 Pesquise e anote cinco frases que contenham diferentes figuras de linguagem (as frases podem ser de músicas, tirinhas, poemas, crônicas etc.).
- 2 Troque a lista com um colega.
- 3 Identifique e nomeie as figuras de linguagem presentes em cada uma das frases da lista de seu colega.

Debate e reflexão

Considere a situação hipotética a seguir.

Após uma aula de figuras de linguagem, na qual o professor abordou as diferenças entre metáfora e analogia, um colega propôs uma pequena mostra de poesia. Em seguida, você e seu grupo de amigos decidem participar, escrevendo um texto a várias mãos. De todas as figuras de linguagem estudadas, a que mais chamou a sua atenção foi a metáfora, uma vez que seria a figura “mais poética”, como expôs o professor durante a aula.

Para elaborá-la, você faz um levantamento dos poemas de amor já estudados.

Entre os vários já lidos, dois chamam a sua atenção:

Tu, Marília, agora vendo
de Amor o lindo retrato?
Contigo estarás dizendo,
Que é este o retrato teu.
Sim, Marília, a cópia é tua,
Que Cupido é Deus suposto:
Se há Cupido, é só teu rosto,
Que ele foi quem me venceu.

GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023. p. 50.

Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor –
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu mudaste a Natureza...

CAEIRO, Alberto. O pastor amoroso. In: CAEIRO, Alberto. **Poesia**.
Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith.
Lisboa: Assírio & Alvim, 2001. p. 91.

Diante das imagens desses poemas, redija um pequeno texto para ser lido na mostra de poesia. O texto do grupo deve conter uma metáfora, mas, caso necessário, pode se valer também de outras figuras de linguagem.

No vestibular

(Fuvest-SP)

Identifique as figuras de linguagem empregadas nos versos sublinhados.

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

PUTTI, A. Disponível em: www.cartacapital.com.br. Acesso em: 13 nov. 2021 (adaptado).

- A. Antítese
- B. Anacoluto
- C. Hipérbole
- D. Lítotes
- E. Paragoge

Na hora da redação

As figuras de linguagem são recursos expressivos do redator. Em poucas palavras, um bom conhecimento das figuras pode capacitar o candidato ao vestibular a ter mais meios de defender o seu ponto de vista na dissertação. A “antítese”, por exemplo, pode criar um campo de oposições do qual o redator pode extrair o seu posicionamento.

Outro emprego possível é na compreensão do próprio tema. Consideremos o vestibular da Unesp-SP de 2020. A frase temática é uma metáfora: “O carro será o novo cigarro?”. Diante da pergunta, a mobilização do processo metafórico auxilia na organização das linhas de força do tema. Vejamos: o uso abusivo do cigarro conduziu a problemas de saúde, de maneira que as novas gerações estão deixando de fumar. Será que o mesmo ocorrerá com a dependência dos carros? Ora, as grandes cidades estão cada vez mais imóveis por conta do excesso de veículos. Note que desdobrar a frase temática por meio da comparação abre caminhos para se posicionar criticamente, que é uma exigência da dissertação.

 Dica para o professor **Organizando as ideias**

As atividades propostas visam permitir aos estudantes localizar e reconhecer as figuras de linguagem em conteúdos com os quais eles têm contato cotidianamente.

 Debate e reflexão

Esta atividade está fundamentada na autonomia e na criatividade do estudante. Ela é capaz de dar vazão a sentimentos profundos por meio dos instrumentos da linguagem apresentados em sala de aula. Desse modo, a avaliação da atividade deve considerar o quanto inusitada e criativa é a metáfora proposta pelo estudante.

A dimensão coletiva do trabalho está na sua produção e recepção. É importante reservar uma aula para que os estudantes leiam suas respostas à turma, criando um ambiente de aprendizado ameno, capaz de incentivar o uso criativo da língua.

 No vestibular

Alternativa correta C. Os versos destacados: “Chorei bilhões de vezes com a canseira/ De inexorabilíssimos trabalhos” contam com duas notações de exagero. A primeira é o “chorar” bilhões de vezes, que tem apenas efeito retórico. O segundo exagero é o adjetivo no superlativo – “inexorabilíssimos”, isto é, inelutável – relacionado ao trabalho. Nesses versos, a hipérbole é o recurso retórico empregado.